

**Artigo****Itinerários de mulheres negras na antropologia: pensando viagens com Zora Hurston e Lélia Gonzalez**

Ester Corrêa

Mestra em Antropologia – (PPGAS/UFPa) e Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

**Resumo:** Este artigo é parte do interesse na reflexão sobre a relação entre mulheres negras e as viagens na antropologia. A pesquisa foi motivada pela invisibilidade que as experiências de viagem das mulheres possuem na disciplina. O objetivo é provocar uma reflexão sobre as viagens de antropólogas negras, enfocando os escritos de Zora Neale Hurston e Lélia Gonzalez. Com relação à metodologia, utilizo como fonte principal os textos sobre a viagem à Martinica, de Gonzalez e o livro autobiográfico “Dust Tracks on a Road”, de Hurston, a partir dos quais podem ser apreendidos aspectos das viagens de ambas. A elucidação sobre a contribuição das viagens para a formação intelectual é interpelada pela minha própria experiência como antropóloga negra viajante. Dessa forma, é possível dizer que a trajetória e o pensamento intelectual dessas antropólogas, assim como a minha própria formação, foram e são muito influenciados pelos eventos, situações e encontros resultantes das viagens etnográficas e militantes.

**Palavras-chaves:** Viagem antropológica; Zora Hurston; Lélia Gonzalez.

***Itineraries of black women in anthropology: thinking about travelling with Zora Hurston and Lélia Gonzalez***

**Abstract:** This work is part of an interest in the reflection about the relation among black women and traveling in anthropology. The research was motivated by the invisibility that women's travelling experiences have in anthropological literature. The aim is to provoke a reflection about the trips of black women anthropologists, starting from writings of two intellectuals: Zora Neale Hurston and Lélia Gonzalez. Regarding the methodology, I use Gonzales' text about the travel to Martinica, and Hurston's autobiographical book “Dust Tracks on a Road”, from which it's possible to apprehend travels' aspects of both them. The elucidation of travels' contribution to intellectual formation is challenged by my own experience as a black traveling anthropologist. Thus, it's possible to say that this anthropologists' path and intellectual thinking, as well as my own formation, were/are very influenced by events, situations, meetings and field and anthropological trips.

**Keywords:** Anthropological Travel; Zora Hurston; Lélia Gonzalez.

## Introdução

A antropologia tem uma relação indissociável com as viagens. A pesquisa de campo etnográfica se tornou indispensável para o ‘fazer antropológico’, uma vez que nos moldes como foi concebida, exigia o deslocamento espacial da/o pesquisador/a e, em tempos mais remotos, de informantes. Realizar uma pesquisa de campo exigia a viagem corpórea, o que significava transitar, cruzar por lugares diferentes e, geralmente, longínquos. A viagem antropológica parece terreno fértil para repensar os lugares sociais e antropológicos que os corpos e as intelectualidades das mulheres têm ocupado nesses trânsitos históricos, fazendo recortes necessários no sentido de refletir sobre a construção da intelectualidade das mulheres negras que construíram seus itinerários por meio da antropologia.

É uma possibilidade de quebra de uma concepção hegemônica que situa a viagem como uma prática racializada que privilegia homens brancos e ricos, ignorando as agências que acionam estratégias na construção da experiência da viagem para outros sujeitos, como por exemplo, as mulheres, as pessoas que são afetadas pela desigualdade social e as pessoas negras. Isso demonstra que há várias questões que interferem nos deslocamentos pelas fronteiras nacionais ou internacionais. As questões de gênero, assim como os marcadores sociais de raça e classe, influenciam nas formas de transitar pelo espaço, tornando a viagem uma prática desigual, e por isso, um privilégio de alguns poucos grupos sociais.

Foi dessa forma que os trânsitos das mulheres na antropologia se desenharam, como reflexos de uma concepção de viagem que privilegia a determinados grupos. O trabalho de campo antropológico foi construído marcadamente masculinizado (GUPTA; FERGUSSON, 1997; KUKLICK, 1997), o que invisibiliza as experiências antropológicas e etnográficas de mulheres que fizeram trabalho de campo em contexto de deslocamento. Assim, ser mulher viajando e ‘escrevendo cultura’ não costuma sempre ser algo muito notável. Ruth Behar (1996) alertava sobre as ausências da escrita feminina na antropologia e suas motivações. A disciplina ignorou por muito tempo a escrita das mulheres com a justificativa de que não havia contribuições que representassem uma inovação na forma de produzir conhecimento antropológico, não reconhecendo a criatividade com a qual as mulheres escreviam.

Em meados do século XX, as antropólogas Zora Neale Hurston e Ella Cara Deloria pesquisavam e escreviam de forma inovadora, privilegiando a voz do “nativo” e conferindo a este um espaço central na própria escrita, criando uma espécie de diálogo com o sujeito de pesquisa. Além disso, experimentavam no ‘fazer etnográfico’, permitindo o diálogo entre antropologia e outras áreas. Segundo Lourenço (2019), Katherine Dunham, uma antropóloga e bailarina afro-americana que pesquisou no Haiti nas primeiras décadas do século XX, abordou a dança afro-diaspórica tão profundamente que apresentou sua dissertação de mestrado no formato de um espetáculo de dança, demonstrando que na prática antropológica dessas mulheres já havia uma abordagem que remete ao que atualmente conhecemos como estudos pós-coloniais. As leituras contemporâneas dessas mulheres mostram que havia uma reivindicação de atenção às alteridades de mulheres negras ou de sujeitos da pós-abolição, atentando para o racismo que atinge a diferentes grupos

raciais e étnicos. A perspectiva de uma mulher negra traz outras abordagens sobre vários temas da antropologia, pois experimenta – ou é atravessada – de formas diferentes pelo racismo e pelo sexismo.

O apagamento na antropologia sobre as viagens etnográficas das mulheres negras é um aspecto que me despertou especial atenção desde que comecei a pesquisar sobre o tema. É possível encontrar nos programas e nas disciplinas, referências a Ruth Landes, pesquisando sobre o candomblé no Brasil, ou a Margareth Mead, na Melanésia, mas a literatura antropológica não vai muito além. Afinal, as viagens foram e são marcadas pelo gênero, uma vez que se construiu como uma prática viril e heroica, uma atividade perigosa que somente os homens são capazes de enfrentar. Se adicionarmos às causas do apagamento a questão racial, temos um completo desconhecimento sobre as viagens das antropólogas negras, como, por exemplo, as viagens da brasileira Lélia Gonzalez. Não apenas das viagens em si, como da própria escrita que resulta dessas jornadas.

As mulheres que lograram visibilidade na história da disciplina acabaram por reforçar a prática colonialista e masculinizada de fazer antropologia, alimentando a relação entre a antropologia e o colonialismo. Mariza Corrêa (1997) sugere que as mulheres que conseguiram sucesso nas escolas hegemônicas de antropologia, até mesmo as que foram esquecidas, faziam um tipo de antropologia igual à masculina, servindo ao projeto colonizador. Tais antropólogas não escreveram textos reflexivos e críticos nesse sentido, ao contrário, as narrativas reforçavam o domínio sobre os povos “nativos”. Nos tempos atuais, ao discutirmos sobre colonialidade e decolonialidade, é importante lembrar das mulheres que mantiveram uma postura crítica.

Assim, as experiências de viagem de duas mulheres negras se tornaram fontes de informação para compreender como as trajetórias espaciais e intelectuais de Zora Neale Hurston e Lélia Gonzalez se construíram mesmo baixo a todo racismo que afetou suas vidas e o conhecimento que produziram. Repensar sobre os trânsitos e deslocamentos em forma de viagens realoca os itinerários e experiências de mulheres negras no mapa antropológico, além disso, é uma forma de pensar a viagem por uma perspectiva contra-hegemônica, reflexiva em relação à supervalorização da experiência de homens brancos e ricos.

A ausência de mulheres negras nas narrativas hegemônicas assim como na prática etnográfica são dois fenômenos históricos. Existe uma literatura que contempla os relatos, diários e ficção de viagens envolvendo mulheres, o que revela algumas dimensões que inspiram a refletir no sentido histórico e localizam as mulheres como sujeitas históricas. Porém, não é suficiente, pois ainda há lacunas no que diz respeito a como as mulheres negras vivenciavam e observavam o mundo por meio desses deslocamentos. Como foram tratadas as viagens etnográficas das mulheres negras? Como é pensada a contribuição resultante da experiência de viagem de uma mulher negra no pensamento antropológico? Apenas mulheres brancas viajam? As mulheres não estão aptas para aventuras?

Nesse sentido, há duas questões principais que acabam se cruzando nessa trilha antropológica que tento traçar: a primeira é a questão dos significados de ser de uma antropóloga negra viajando sozinha, como

Zora Hurston fez de carro pelo sul dos Estados Unidos, em pleno período de segregação racial. Outro ponto é como as experiências de viagem contribuem para a formação do pensamento intelectual, que implica em discutir a noção de viagem como um grande aprendizado, como aconteceu com Gonzalez na formação de uma intelectualidade que esteve atrelada à construção de redes internacionais.

Tenho como objetivo provocar uma reflexão sobre as viagens de mulheres antropólogas negras a partir de duas intelectuais de diferentes épocas, a afro-americana Zora Neale Hurston e a brasileira Lélia Gonzalez, considerando os pontos de convergências, os distanciamentos e os aspectos particulares dessas viagens movidas por interesses antropológicos ou mediadas por outras agendas, como a militância política, relacionando-as com a construção do pensamento intelectual e da trajetória profissional.

Ouso interpelar, entre as viagens de Zora e Lélia, minha própria experiência como antropóloga negra e viajante, por meio de um “mochilão etnográfico” que realizei de outubro de 2019 a janeiro de 2020, por quatro países sul-americanos e que revelou alguns aspectos relacionados às questões das mulheres na estrada. Ser uma mulher negra viajando sozinha em contexto internacional proporcionou uma dupla reflexão: uma de cunho metodológico, sobre as percepções de ser mulher antropóloga pesquisando em trânsito e com poucos recursos, como aconteceu com Hurston; e outra com aspecto teórico, uma vez que reflete sobre as viagens de pesquisa de mulheres negras na antropologia e o lugar que ocupa a produção intelectual oportunizada pela viagem.

Este trabalho foi motivado por uma reflexão que surgiu nas experiências de viagem que moldaram minha trajetória, mediadas ou não pela antropologia, e se constituíram como parte da minha subjetividade, levando a adotar a prática de viagens autônomas como estilo de vida. A experiência como viajante de mochila teve um papel importante na construção subjetiva e é responsável pela maioria dos deslocamentos físicos e culturais que têm propiciado a construção da minha identidade profissional como antropóloga. A motivação para investigar as viagens contra-hegemônicas e a formação da subjetividade de mulheres se fortaleceu na experiência etnográfica, que é parte da pesquisa que atualmente realizo com as mulheres viajantes no curso de doutorado.

A estratégia metodológica utilizada se baseia na análise antropológica dos textos “Viagem à Martinica I” e “Viagem a Martinica II”, publicados originalmente no jornal do Movimento Negro Unificado por Lélia Gonzalez, em 1991, nos quais relata a experiência transnacional no país, atentando para alguns aspectos da organização dos negros no país, em que a autora trata de temas importantes do pensamento intelectual. Além disso, utilizo dados de pesquisadoras/es brasileiras/os que rastreiam a trajetória dessa intelectual. Para construir a reflexão sobre as viagens de Zora Neale Hurston, utilizei a leitura do livro autobiográfico “Dust Tracks on a Road”, de 1942, no qual a autora revela vários aspectos das viagens etnográficas de carro pelo sul dos Estados Unidos, que culminou também em outros embarques para o Caribe. Ambas as autoras se interessavam em observações sobre formas de articulações de negritudes e tiveram suas trajetórias marcadas pelos deslocamentos, sendo a viagem propulsora na construção do pensamento intelectual. Com a pretensão de deixar alguma contribuição nesse debate, posiciono-me como

antropóloga negra amazônica, descrevendo alguns temas que cruzaram os itinerários do que denominei “mochilão etnográfico”, no ano de 2019.

Um dos interessantes rastros de informações sobre as viagens das mulheres são as autobiografias e os livros e diários de viagem, portanto, é possível perceber por meio desse material a forma de transitar no mundo de mulheres em diversos períodos da história. Clifford (2000) disse que as mulheres eram impedidas de fazer viagens consideradas sérias, muitas figuraram na antropologia como acompanhantes dos maridos antropólogos, algumas ficaram presas a uma identidade relacional como a “esposa de...”. Como disse Sombrio (2016) muitas mulheres das expedições científicas no Brasil em meados do século XX, só estavam engajadas em pesquisas científicas por estarem acompanhando os maridos, o que revela um aspecto da ciência no que diz respeito aos papéis de gênero.

Mesmo que os relatos de mulheres não tenham circulado pelos círculos mais prestigiosos ou hegemônicos, considero como disse Peixoto (2015), que “correspondências, diários e escritos de ocasião; relatos e anotações; desenhos e fotografias [...] todos os materiais produzidos ao sabor da experiência da viagem apontam uma via frutífera para a localização de inscrições da observação, da experiência vivida e dos movimentos de reflexão, conduzindo-nos aos bastidores do trabalho intelectual.” (p. 23). Existe uma produção de conhecimento que pode ser oportunizada por meio das viagens, então da mesma forma que viajar para um homem branco é capaz de produzir material de análise, para uma mulher é também possível produzir material e símbolos.

As experiências que organizam o sentido da viagem para as mulheres negras na antropologia podem ser abordadas em três viagens temporal e espacialmente diferentes, com objetivos diferentes, mas que se configuram como deslocamento (auto) reflexivo e formador de subjetividades. Primeira, a viagem antropológica como as que Hurston realizou, desde a década de 1920, registrando em vídeos, fotos e textos as formas de existências da comunidade negra no contexto segregacionista e de outros povos afro-diaspóricos das Américas. A viagem de Gonzalez possui diversos aspectos, pois era uma prática complexa que envolvia interesses que se entrecruzavam. As motivações iam desde a visita aos amigos, a participação em eventos políticos e acadêmicos internacionais, não eram viagens etnográficas, mas produziram escritos e experiências valiosas para a antropologia. Esses escritos são inspiradores e atravessam a proposta desta pesquisadora, influenciando em outro tipo de viagem antropológica contemporânea que lança mão do fazer etnográfico por meio dos trânsitos e fluxos globais, partindo de uma identidade individual que está fortemente implicada com o tema de pesquisa: a de viajante.

### **Os itinerários de Zora Neale Hurston**

Nascida no sul do EUA, no Alabama, criada em uma cidade construída por e para negros, Zora Hurston foi uma mulher afro-americana com múltiplos títulos, dentre eles o de antropóloga e romancista. Pertence à geração de antropólogas orientadas de Franz Boas. A primeira incursão etnográfica para

registrar o folclore de negros do período pós-abolição foi encomendada por Boas. Após essa, realizou várias viagens etnográficas entre as décadas de 1930 e 1940, pelo sul dos Estados Unidos, Honduras, Bahamas, Haiti e Jamaica.

A autobiografia de Hurston revela muito dos bastidores da sua produção intelectual, suas viagens resultaram em muitos materiais entre livros, artigos, fotografias, vídeos e canções, as quais contam a vida marcada pelos deslocamentos. A experiência com o universo das viagens iniciou-se aos 16 anos na turnê de uma companhia de teatro. As leituras de livros e as pessoas com quem entrou em contato foram importantes para expandir sua percepção de mundo e marcaram sua construção de conhecimento. Tinha grande interesse pelos livros e durante a viagem aprofundou o hábito da leitura, além disso, teve contato com outras artes como a música, o que mudou suas perspectivas de forma significativa. Confessou no final da viagem, que não havia sido remunerada como merecia pelo trabalho que realizava como empregada de uma cantora, mas isso não a magoava, pois essa experiência de um ano e meio viajando em uma turnê havia sido marcante no seu aprendizado. Isso destaca a importância da arte nesse processo de construção de si. Sobre isso, escreveu que:

Then there was the music side. They broke me in to good music, that is, the classics, if you want to put it that way. There was no conscious attempt to do this. Just from being around, I became familiar with Gilbert and Sullivan, and the best parts of the light-opera field. Grand opera too, for all of the leads had backgrounds of private classical instruction as well as conservatory training. Even the bit performers and the chorus had some kind of formal training in voice, and most of them played the piano [...]. Thus I would hear solos, duets, quartets and sextets from the best-known operas. They would eagerly explain to me what they were when I asked. They would go on to say how Caruso, Farrar, Mary Garden, Trentini, Schumann-Heink, Matzenauer and so forth had interpreted this or that piece, and demonstrate it by singing. Perhaps that was their trouble. They were not originators, but followers of originators. Anyway, it was perfectly glorious for me, though I am sure nobody thought of it that way. I just happened to be there while they released their inside dreams. The experience had matured me in other ways. (HURSTON, 1995, p. 83)<sup>1</sup>

Talvez essa experiência e o fato de com tão pouca idade ter que agenciar a própria vida, por ser órfã, tornou-a uma corajosa mulher que deixou aventurar-se pelo sul dos Estados Unidos em um período de racismo extremo que poderia ter lhe custado a vida. Com a primeira experiência adquiriu capital cultural

---

<sup>1</sup>“Então havia o lado da música. Eles me apresentaram a boa música, ou seja, os clássicos, se você quiser colocar dessa maneira. Não houve tentativa consciente de fazer isso. Só de estar por perto, me familiarizei com Gilbert e Sullivan, e as melhores partes do campo da *light-opera*. A grande ópera também, pois todos os protagonistas tinham formação no ensino clássico particular, bem como no treinamento no conservatório. Até mesmo os músicos e o *chorus* tinham algum tipo de treinamento formal em voz, e a maioria deles tocava piano [...]. Assim, ouvia solos, duetos, quartetos e sextetos das óperas mais conhecidas. Eles me explicariam ansiosamente o que eram quando eu perguntasse. Eles continuariam dizendo como Caruso, Farrar, Mary Garden, Trentini, Schumann-Heink, Matzenauer e assim por diante haviam interpretado esta ou aquela peça, e demonstrariam isso cantando. Talvez esse fosse o problema deles. Eles não eram criadores, mas seguidores de criadores. De qualquer forma, foi perfeitamente glorioso para mim, embora eu tenha certeza de que ninguém pensava nisso dessa forma. Acontece que eu estava lá enquanto eles liberavam seus sonhos internos. A experiência me amadureceu de outras maneiras.” (Tradução da autora)

e encorajamento em deslocamentos futuros. Na procura pelos fragmentos das tradições e do ‘folclore’ de negros americanos fazia viagens ousadas, como disse Basques (2019, p. 319) “viajava em um Chevrolet e levou em sua bagagem duas câmeras, para o registro de fotografias e vídeos, e uma pistola”, essa preocupação é compreensível se considerarmos o contexto político e racial do segregacionismo do período. A autora confessou que havia corrido perigo de morte em uma situação na estrada.

Antes de realizar essas viagens etnográficas trabalhou como manicure e garçonne para manter-se na universidade. Sua primeira expedição encomendada por Franz Boas, que a incentivou a recolher material do folclore negro, foi uma experiência frustrante, pois em seis meses de pesquisa não conseguiu o material desejado. Ainda se sentia influenciada pelo *glamour* da Barnard College, onde se formou em Nova York – uma faculdade privada que admitia exclusivamente mulheres –, assumiu que pouco conseguia se aproximar dos sujeitos comuns com quem deveria dialogar no campo. Porém, essa experiência serviu posteriormente quando embarcou em uma segunda viagem de campo, patrocinada por uma madrinha que investiu em suas pesquisas, mesmo sabendo que era perigoso viajar naquela região, aceitou o desafio rumo ao sul em uma viagem de carro.

My search for knowledge of things took me into many strange places and adventures. My life was in danger several times. If I had not learned how to take care of myself in these circumstances, I could have been maimed or killed on most any day of the several years of my research work. Primitive minds are quick to sunshine and quick to anger. Some little word, look or gesture can move them either to love or to sticking a knife between your ribs. You just have to sense the delicate balance and maintain it. (HURSTON, 1995, p. 103).<sup>2</sup>

O condado de Polk, na Flórida, foi o lugar da pesquisa onde ela quase foi morta por uma mulher com ciúmes do homem de quem havia sido amante. Este, por sua vez, era um sujeito da pesquisa de Zora Hurston, de quem colecionava as músicas folclóricas. Como ela contou, ele era uma fonte valiosa de material, então ela pagava bebidas e o deixava andar em seu carro, o que gerou ciúmes na mulher que tentou matá-la. Fugindo do episódio de perigo, seguiu para Nova Orleans, onde mergulhou na magia do Hoodoo, participando de vários rituais de magia que ela descreveu como assustadores. Na volta ao sul da Flórida, resolveu embarcar arbitrariamente em um navio para Nassau – sem pedir autorização para a madrinha – em busca de mais material de pesquisa.

Como ela disse: “This visit to Nassau was to have far-reaching effects. I stayed on, ran to every Jumping Dance that I heard of, learned to “jump,” collected more than a hundred tunes and resolved to

---

<sup>2</sup>“Minha busca pelo conhecimento das coisas me levou a muitos lugares e aventuras estranhas. Minha vida correu perigo várias vezes. Se eu não tivesse aprendido a cuidar de mim mesmo nessas circunstâncias, poderia ter sido mutilada ou morta em quase qualquer dia dos vários anos do meu trabalho de pesquisa. Mentes primitivas são rápidas em irritar e irritar-se rapidamente. Algumas pequenas palavras, olhares ou gestos podem movê-los a amar ou a enfiar uma faca entre suas costelas. Você apenas tem que sentir o equilíbrio delicado e mantê-lo”. (Tradução da autora)

make them known to the world” (HURSTON, 1995, p. 110).<sup>3</sup> Esse material etnográfico foi transformado em peça teatral apresentada em Nova York, tornando-se mais uma dimensão de atuação e formação da trajetória intelectual. A experiência em Nassau teve grande repercussão na sua carreira, quando retornou para Nova York em 1932, depois de tentar em vão que outras pessoas se interessassem pelo material, ela apresentou as canções e danças das Bahamas para um público no John Golden Theatre, em concerto. Disse que alcançou seu objetivo ao “mostrar a beleza e o apelo que havia no material negro genuíno, em oposição ao conceito da Broadway” (HURSTON, 1995, p. 110, tradução da autora). Isso se tornou uma grande tendência, transformando seu material de campo em um “show”, mesmo que tenha declarado que não fora intencional.

Suas viagens etnográficas produziram um rico material antropológico sobre diversos aspectos das tradições negras nas Américas. Viajou para o Alabama, onde pesquisou sobre Kossola e escreveu sobre os *barracoons*. O livro, que só foi publicado em 2018, aborda a captura e o comércio de negros no mercado escravo, a partir do relato do possível último ex-escravizado traficado. Além disso, pesquisou no Haiti e na Jamaica, resultando no livro “Tell my horse” (1938) sobre os rituais Voodoo.

Of my research in the British West Indies and Haiti, my greatest thrill was coming face to face with a Zombie and photographing her. This act had never happened before in the history of man. I mean the taking of the picture. I have said all that I know on the subject in the book, “Tell My Horse,” which has been published also in England under the title “Voodoo Gods.” I have spoken over the air on We the People on the subject, and the matter has been so publicized that I will not go into details here. But, it was a tremendous thrill, though utterly macabre. I went Canzo in Voodoo ceremonies in Haiti and the ceremonies were both beautiful and terrifying. (HURSTON, 1995, p. 117)<sup>4</sup>

Recebeu uma bolsa de pesquisa para pesquisar na Jamaica, utilizando isso como fuga de um relacionamento amoroso complicado, confessou que trabalhava duro na pesquisa para sufocar os sentimentos. Assim escreveu o livro “Seus olhos viam Deus” (1937) em sete semanas, inspirada na paixão pelo homem que só veria dois anos depois após voltar para Nova York. Esse é o romance mais conhecido da autora e está traduzido para o português. A autobiografia “Dust Tracks on a Road” foi escrita na Califórnia, no período em que estava hospedada na casa de uma amiga.

---

<sup>3</sup>“Essa visita a Nassau teria efeitos de longo alcance. Continuei, corri para todos os *Jumping Dance* de que ouvi falar, aprendi a “pular”, colecionei mais de uma centena de músicas e resolvi torná-las conhecidas pelo mundo.” (Tradução da autora)

<sup>4</sup>“De minha pesquisa nas Índias Ocidentais Britânicas e no Haiti, minha maior emoção foi ficar cara a cara com um zumbi e fotografá-lo. Esse ato nunca havia acontecido antes na história do homem. Quero dizer, tirar a foto. Eu disse tudo o que sei sobre o assunto no livro “Tell My Horse”, que foi publicado também na Inglaterra sob o título “Voodoo Gods”. Falei no ar sobre o assunto em *We the People* e o assunto foi tão divulgado que não entrarei em detalhes aqui. Mas, foi uma emoção tremenda, embora totalmente macabra. Eu fui Canzo em cerimônias de Voodoo no Haiti e as cerimônias foram bonitas e aterrorizantes.” (Tradução da autora)



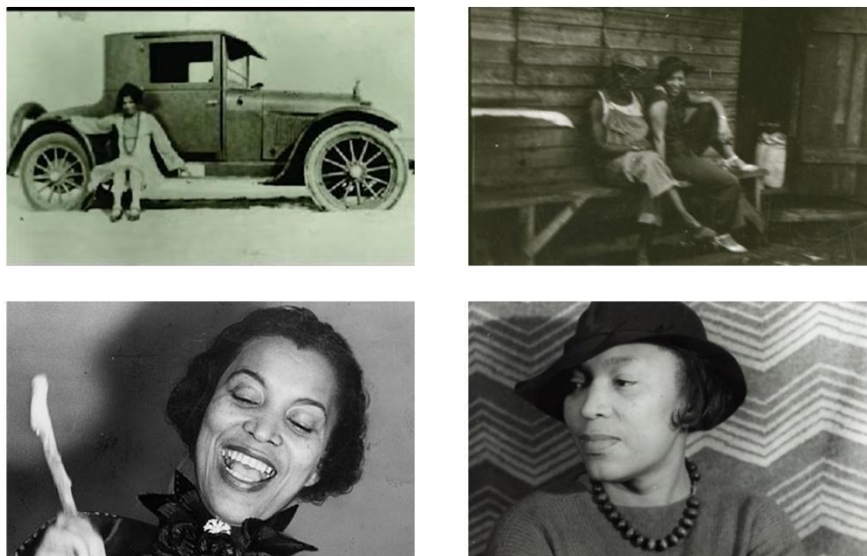


Imagem 1 – A primeira foto é da viagem de carro. Ao lado, na Flórida em pesquisa de campo. Abaixo alguns dos registros fotográficos de Hurston. Fonte: [https://www.wikiwand.com/en/Zora\\_Neale\\_Hurston](https://www.wikiwand.com/en/Zora_Neale_Hurston)

Faleceu em 1960 e suas obras ficaram esquecidas, até ser retomada por Alice Walker na década de 1980. Foi orientada por Franz Boas, mas não obteve o mesmo reconhecimento de suas outras orientandas brancas como Ruth Benedict, Margareth Mead e Ruth Landes – que foi retomada mais recentemente na antropologia. Além dos livros, produziu para o teatro, filmou na década de 1920 as populações negras rurais, gerando uma produção visual a partir da qual pode se pensar o filme como um documento (WOBETO, 2020). A escrita ignorada de Zora Hurston tem múltiplas vozes, mesmo assim encontra tardiamente reconhecimento na antropologia, tendo implicância direta da questão racial e do fato de seus relatos antropológicos estarem fora do que se convencionou na pesquisa antropológica (BEHAR, 1996). Suas viagens de campo foram marcadas pela escrita em trânsito e seus textos já refletiam o cruzamento da fronteira entre “eu” e o “outro” antropológico: escrevia desde sua própria construção como mulher negra. Tem uma escrita cheia de recursos que torna a experiência da leitura uma viagem pelo universo das comunidades negras do início e meados do século XX.

### O cosmopolitismo intelectual de Lélia Gonzalez

Primeira mulher negra a sair do país para divulgar a verdadeira situação da mulher negra brasileira. Vice-Presidente do 1º e do 2º Seminário da ONU sobre a “Mulher e o *apartheid*” (Montreal-Canadá e Helsinque-Finlândia, 1980). Representante brasileira do Fórum da Meia Década da Mulher (Copenhague-Dinamarca, 1980). Convidada especial da ONU para a conferência sobre “Sanções” contra a África do Sul (Paris-França, 1981). Representante brasileira no Seminário “Um outro desenvolvimento com as mulheres”

(Dacar-Senegal, 1982). Representante brasileira no Fórum de Encerramento da Década da Mulher (Nairóbi-Quênia, 1985). (RATTS; RIOS, 2010, p. 9)

Lélia Gonzalez foi uma intelectual negra que nasceu em Belo Horizonte. De família empobrecida, se tornou uma mulher cosmopolita com as diversas viagens que realizou, incluindo Américas do Sul, Central e do Norte, Europa e África, além das viagens pelo Brasil. Teve a vida marcada por intensos deslocamentos, de Minas Gerais ao Rio de Janeiro, e então para o mundo. Suas viagens começaram no final da década de 1970 até o início dos anos 1990, um pouco antes de falecer no ano de 1994. Os trânsitos envolveram fortemente a militância negra e feminista, movidos por interesses pessoais, intelectuais e religiosos.

A experiência transnacional revela diversos aspectos de sua trajetória, o espírito cosmopolita era impulsionado por vários fatores. O ponto de vista direcionado para as questões do povo negro, que pode ser observado na escrita sobre a viagem à Martinica, possibilita uma leitura social sobre a experiência negra no país por meio de uma crítica pós-colonial. Temas como desemprego, migração, violência, práticas culturais e as relações coloniais com a França estão presentes nos curtos textos. São dois textos escritos no ano de 1991 e publicados três anos antes de sua morte. A autora já alertava sobre o processo de abertura da ilha para o turismo e os impactos da construção de grandes redes de hotéis.

Nos textos direcionados aos negros, publicados no jornal do MNU (Movimento Negro Unificado), Gonzalez nos mostra que existe uma lógica em cada viagem, essa lógica reflete a forma como a viajante enxerga o mundo. Dessa forma, o embranquecimento ou ainda as interferências coloniais por meio da França, como uma metrópole que impõe, aparecem forte na narrativa e revela um ponto de vista que prioriza pensar as questões sociais nesse encontro com o “outro”. Nessa oportunidade, ela dialoga com outros intelectuais negros como Aimé Césaire e Franz Fanon, assumindo uma postura crítica em relação ao colonialismo, as “máscaras coloniais” e a situação de mulheres e homens negros/os pós-colonização. É possível que a fluência em francês, e a comunicação em inglês e espanhol (RATTS; RIOS, 2010), tenham sido impulsionadores desses diálogos transnacionais.

A religião foi um tema abordado com grande enfoque, registrou que para além do catolicismo vigente, havia as formações religiosas oriundas do deslocamento forçado de negros para o país, assim como aconteceu no Brasil. A perspectiva do carnaval como espaço privilegiado de expressão da identidade negra, a descrição da presença de um grupo de candomblé da Bahia e grupos de vodu do Haiti, aproximavam a realidade dos negros da Martinica à realidade do próprio país. Por meio do texto é possível notar sua proximidade com o carnaval no Brasil, principalmente da Bahia.

Nesse exercício de aproximação das práticas religiosas da Martinica com a dos negros do Brasil, escreveu na ocasião que havia

um conjunto de práticas mágicas, reunidas sob a denominação local de “*kenbwa*”, e que poderíamos aproximar do significado que o termo macumba possui para nós. O “*kenbwa*” é algo a que as pessoas recorrem, mas fingem não fazê-lo. Afinal, numa sociedade católica

não fica nada bem alguém declarar que tenha recorrido aos préstimos de um “*kenbwaseur*” ou macumbeiro. (GONZALEZ, 2018, p. 395)

Nas incursões internacionais, Gonzalez também praticava militância feminista denunciando o racismo articulado com a questão de gênero. Era como uma porta-voz das mulheres negras brasileiras. As viagens possibilitaram contato com outras intelectuais importantes de outros países como Angela Davis. Com isso teve a oportunidade de dialogar com pessoas e/de lugares diferentes, assim como de conectar-se a uma rede de intelectuais e disputar um espaço intelectual que ressoa na trajetória até a atualidade. Recentemente quando a filósofa afro-americana Angela Davis esteve no Brasil, lembrou-nos sobre a relevância do pensamento feminista de Lélia Gonzalez para o pensamento intelectual negro.

Gonzalez, em suas várias viagens para os Estados Unidos, entrou em contato com feministas negras de lá. Essa fusão de matrizes feministas influenciou seus escritos sobre a mulher negra brasileira. Lélia buscava ainda respaldo teórico nos estudos de relações raciais e na produção de intelectuais negros, como W. E. B. Du Bois, Abdias Nascimento e Clóvis Moura, entre outros. (RATTS; RIOS, 2010, p. 77)

A primeira viagem internacional aconteceu na década de 1970. Na ocasião, viajou para visitar o casal de amigos Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, com quem percorreu várias cidades nos Estados Unidos, retornando ao país em diversas ocasiões. Em 1979, estabeleceu contato com o intelectual cubano Carlos Moore, hospedando-se em sua casa no Senegal. Assim, havia uma rede de amizades que facilitava seus trânsitos, o pensamento intelectual foi construído por meio das trocas com amigos ativistas e intelectuais da América do Norte, Caribe e África (RATTS; RIOS, 2010).

Com uma bolsa concedida pela Fundação Ford, no ano de 1984, Lélia Gonzalez viajou para os Estados Unidos, para execução do projeto “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo”, em parceria com Tereza Cristina Araújo Costa. Nessa viagem, ela encontrou com importantes lideranças femininas negras norte-americanas, dentre elas: Angela Davis, Dorothy Height, Queen Mother Moore, Miss Helena B. Moore... Nessas andanças, Lélia pôde avaliar a complexidade da questão racial no mundo a fora. Nos Estados Unidos, em especial, quem nasce com uma gota de sangue negro é considerado negro; no Brasil, é justamente o inverso. Lélia trouxe vivência e bagagem cultural de todos esses países visitados, o que contribuiu para o fortalecimento das agendas políticas em âmbito nacional (PROJETO MEMÓRIA, 2020).

Os itinerários estavam relacionados com os temas de interesses formados por essa perspectiva negra de ver o mundo, como quando embarcou para Dakar. Esse foi o contato direto com a África, o que era muito significativo para uma mulher negra que se ocupava do reconhecimento da relevância das discussões sobre a identidade e religiosidade afro-diaspórica. Viajar para o Senegal era a realização do desejo de uma ancestralidade pulsante que buscava estreitar os laços construídos entre África e Brasil por meio da religiosidade.

Essas viagens internacionais, espécie de arco de horizonte amplo, foram muito significativas para Lélia Gonzalez e para a construção do movimento negro brasileiro.

[...] Entre 1979 e 1981, ela participou de eventos no Canadá e também em Nova York, Los Angeles e Pittsburgh. Foi ao Panamá, à França (Paris), à Itália (Veneza), à Suíça (Genebra) e à Finlândia. E realizou, ainda, palestras na África (Senegal, Burkina Faso e Mali). Algumas viagens de Lélia Gonzalez tiveram caráter predominantemente ativista, enquanto outras ganharam uma dimensão mais acadêmica. Nestas, a intelectual apresentou comunicações ou discursos que mais adiante se refletiram em seus artigos. Carlos Moore recorda que, durante a ditadura militar, aquelas saídas do país também serviam para Lélia respirar outros ares: “Eram viagens de oxigenação” (RATTS; RIOS, 2010, p. 105).

Participou da III Conferência Mundial sobre a Mulher em Nairobi no Quênia, em 1985, e realizou diversas outras viagens pelo continente africano. Além dessa, participou de outras conferências como a *Women’s Conference on Human Rights and Mission* e a Conferência Internacional *Sanctions against South Africa*, na Europa, na década de 1980 (PROJETO MEMÓRIA, 2020). A participação em eventos nacionais e internacionais eram frequentes, os deslocamentos transnacionais eram interpelados também por viagens dentro do país.

Não existiam fronteiras para ela. No âmbito internacional, participou como convidada especial do Symposium in Support of the Struggle of the Namibian People for Self-Determination and Independence, promovido pela ONU, em San José/Costa Rica. Nesse simpósio, a discussão girava em torno da independência do território da Namíbia, que pertenceu à África do Sul até a década de 1990 (PROJETO MEMÓRIA, 2020).

A bagagem intelectual e o capital cultural que trouxe das viagens também proporcionaram o amadurecimento intelectual que refletiu nas categorias identitárias ou ainda linguísticas como o “pretuguês”, este último fica evidente quando ela propõe uma reflexão sobre a língua *creole*, “um código linguístico elaborado pelos antigos escravos” (GONZALEZ, 2018, p. 398), como um aspecto da amefricanidade: uma questão forte que aparece no segundo texto de relato da viagem à Martinica. Como disseram Ratts & Rios (2010, p. 108) “ela imprimiu maior densidade à sua negritude e ao seu feminismo com um horizonte transnacional, além de formular a categoria política e cultural de amefricanidade” em função das viagens fora do país. Esse jogo comparativo com as manifestações negras que conhecemos no Brasil parece um exercício de aproximações, uma prática da amefricanidade, são reflexões que não estão desconectadas das diásporas africanas, pois ela cria pontes entre os continentes em suas observações e análises.

No ano o qual passou na Nigéria buscou estabelecer uma relação próxima com seu Orixá. A religiosidade é um tema caro para suas práticas enquanto pertencente ao candomblé, por isso construiu uma viagem que tentava a reconexão com uma ancestralidade (MULHERES UCPA, 2018, p. 403). Além desse aspecto individual da religião, se interessava pela dimensão religiosa e ritualística dos negros em sentido amplo, assim na Martinica fez uma observação direta de rituais voduns do Haiti ao mesmo tempo em que relatou a experiência do candomblé brasileiro, realizando uma análise comparativa dos dois rituais a partir de um lugar comum que é a ancestralidade africana.



Imagem 2 – Na primeira foto, Lélia Gonzalez está com Benedita da Silva em Nairóbi (1985). Com Angela Davis em Baltimore (1984). Abaixo, na Costa Rica (1983) e por último, em Miami com Aimé Césaire (1987). Fonte: <http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez>

Uma característica diferenciada desse tipo de viagem é ser motivada não somente pelo prazer, mas pelos interesses políticos. No caso de Gonzalez seus deslocamentos estavam relacionados com a construção da militância no movimento negro feminista e com a construção da própria intelectualidade. Em Ratts & Rios (2010) é possível saber que entre 1979 e 1987, ela participou de conferências, seminários, congressos e encontros, nos quais discutia a condição das mulheres, negritude, política e economia brasileira, entre outros temas, que aconteceram em países como Suíça, Estados Unidos Dinamarca, Panamá, Finlândia, Canadá, França, Itália e Bolívia.

As viagens transnacionais articuladas ou medidas pela militância, pelos congressos e conferências, são uma alternativa para mulheres não ricas ou da classe média, que são as privilegiadas no direito aos trânsitos internacionais. Como mostrou Schwade (2014), as viagens transnacionais podem ser oportunizadas a mulheres que estão inseridas em redes ou movimentos sociais, transformando-se em um marcador importante na construção das subjetividades de mulheres de classes populares. O deslocamento social e espacial parece ser uma dimensão muito importante na trajetória de intelectuais negras oriundas das classes populares, como demonstra os itinerários de Lélia Gonzalez, pois propicia o acesso a um capital cultural importante na construção de suas trajetórias intelectuais.

### **Outros itinerários: relatos de uma etnografia viajante pela América do Sul**

A importância subjetiva das diversas experiências de viagens transnacionais no ‘estilo mochileira’ despertou meu interesse em pesquisar sobre viagens e mulheres, deslocando o interesse do âmbito subjetivo para o acadêmico e profissional. Embarquei em uma empreitada etnográfica mediada pela bolsa de pesquisa

no curso de doutorado, com objetivos pré-determinados, que buscava refletir sobre a dimensão simbólica das viagens de mochila praticadas por mulheres na América do Sul.

Cair na estrada foi uma estratégia para tratar a viagem como método. Para isso, era necessário embarcar em uma viagem que proporcionasse diálogos e eventos etnográficos que justificassem isso de forma prática. Assim, realizei uma pesquisa multissituada (Marcus, 1995), no sentido de perceber e participar das dinâmicas e estratégias de deslocamentos utilizados por mulheres que viajam de forma autônoma ou autogerida pela nossa região. As conexões que se formavam entre os diferentes tempos e espaços tinham as mulheres viajantes como condutoras. Os trânsitos transnacionais configuraram a etnografia viajante que buscou na experiência corpórea e não-corpórea da pesquisadora o sentido não apenas de “estar lá”, mas “deslocar-se entre”, em sentido físico e cultural.

Dentre as várias questões que o processo de pesquisa tem me despertado, uma das mais inquietantes é a percepção de que a história sobre as viagens das mulheres negras é ocultada, quase inexistente. Muitas pesquisas me levaram a compreender que até nas novas categorias contemporâneas de viajantes, a presença da mulher negra ainda é pouco visível. Cruzar com uma mulher negra latino-americana na estrada fazendo um “mochilão” não é tão comum na nossa região. A categoria *backpacker* ou mochileiros tem se tornado classista e excludente, se configura no mundo contemporâneo como um novo “estilo de viagem” da classe média, representada, por exemplo, pelos “mochilões sabáticos” na Ásia, empreendidos por jovens brancos da classe média sul-americana. Mas é importante ressaltar que novas categorias de viajantes se formam ou se ressignificam nas estradas do continente, o que quer dizer que a prática da viagem não está restrita à classe média ou às pessoas brancas.

Quando embarquei no “mochilão etnográfico”, já com outras experiências de mochila, estava consciente de que o fato de ser uma mulher negra amazônica viajando sozinha tornava meus itinerários mais complexos, por isso, deveria me preocupar na forma como meus próprios marcadores sociais seriam atravessados – ou atravessariam – pela experiência de uma viagem antropológica. O contexto político no qual realizei a pesquisa me mostrou outra questão importante na minha análise: a posicionalidade política, o que me convidou a uma abordagem politicamente engajada. Iniciei a viagem etnográfica pela Bolívia, em meio ao *paro cívico* de outubro de 2019, que culminou no golpe de estado contra Evo Morales, o qual aconteceu um dia depois que deixei o país. Esse evento marcou de forma significativa meus trânsitos, interferiu na minha permanência e me fez experimentar sensações de profundo desconforto e medo pela minha integridade física, por ser uma mulher viajando sozinha. Havia um clima de perigo no ar.

Nos dias que fiquei “presa” em Santa Cruz de La Sierra foi possível observar como se desenrolavam as manifestações nas ruas, que chamavam a atenção pelo apelo nacionalista. Essa vivência foi compartilhada com duas brasileiras que viajavam fazendo arte de rua. Caminhávamos pelas ruas vazias compartilhando as incertezas e as condições de vulnerabilidade que a situação nos deixava, ainda que de forma desigual. Estava praticando a estratégia de “seguir” as histórias e modos de deslocamentos das interlocutoras. Vale ressaltar que uma das interlocutoras foi a única mulher negra que cruzei durante o mochilão.

Cruzei para o Peru pela região do lago Titicaca, onde os dois países se tocam, seguindo outra interlocutora. Isso aconteceu após um evento muito marcante em Copacabana, ainda na Bolívia, no qual minha interlocutora colombiana, viajante sozinha, sofreu uma tentativa de violência sexual. Esse episódio foi importante para construir uma reflexão sobre os corpos das mulheres em trânsito e como sentimos as pressões do sexismo na estrada.

As interlocuções da pesquisa mostraram que há um valor simbólico em torno de uma prática individualizada da viagem, sendo esta carregada de significados expressos na forma de se deslocar e de permanecer. Em Cuzco, tive uma experiência marcada pelas relações de amizade e solidariedade. Foi possível experimentar também os limites das cidades e das trilhas para uma mulher viajando sozinha. As rotas alternativas são possibilidades para driblar a lógica comercial do turismo e ter acesso a lugares como Machu Picchu, tornando-se parte da invenção e reinvenção da prática de viajar de mochila, que imprime práticas no tempo e no espaço.



Imagem 3 – Uma viajante cruza a pé, a fronteira entre Bolívia e Peru, na região do Titicaca.

No desafio de uma viagem com baixo orçamento, fiz a maior parte dos trajetos de ônibus assim como a maioria das pessoas com quem cruzei na estrada. Mas além dessa estratégia de deslocamento, há diversas experiências que marcam a forma de transitar. Assim, táxis, vans, caronas, trens, caminhadas, atravessam as rotas de uma viajante. A complexa dinâmica dos transportes na região torna importante a análise das formas de transitar assim como as formas de permanecer. No sentido das permanências, experimentei diferentes tipos de hospedagens: em hostel, hospedarias e *couch surfing*, bem como experimentei

o trabalho voluntário, como forma de manter-me na estrada, de maneira que troquei trabalho por hospedagem e alimentação em um hostel. Essa prática de trabalho na estrada mostrou-se como um importante instrumento para as viagens autônomas das mulheres, pois assim como os transportes de baixo custo, essas práticas reduzem o custo de uma viagem.

Durante a estadia no Peru, outras cidades fizeram parte do itinerário, como Ica e Arequipa, por onde viajei acompanhada de uma interlocutora que conheci no país e que fazia sua primeira viagem internacional desde o México. Planejei incluir o Chile no itinerário, porém o clima estava tenso no país por conta das manifestações que estavam acontecendo em outubro de 2019, durante o *estallido social* – que se estenderam todos os dias pelos meses seguintes. A impossibilidade de pensar em um roteiro pelo país foi muito influenciada pelo contexto político, por outro lado, os acontecimentos políticos me faziam pensar sobre as motivações históricas que articulavam e isso implicava em refletir sobre os processos políticos do nosso continente, sobre a condição de indígenas na Bolívia, sobre a sociedade que clamava por reformas sociais no Chile e a primeira greve geral da Colômbia. Parecia uma força que se expandia desde os protestos indígenas no Equador que aconteceram no início de outubro.

Por conta desse contexto, o itinerário pelo Chile foi curto, e culminou na travessia da fronteira de *Paso de jama* para o norte da Argentina. Em Salta, onde mais um dos diálogos da pesquisa se construiu, foi possível entrar em contato com as ideias políticas do país por meio de uma viajante argentina. Chegar à Argentina representava certo alívio de um clima mais tenso na América do Sul, uma vez que o país respirava certa esperança com a recente eleição de Alberto Fernandez e Cristina Kirchner, um governo peronista que apontava para medidas sociais em questões latentes no país, como a legalização do aborto e do cultivo da *cannabis*<sup>5</sup> – o que já acontecia com grande permissividade social para fins médicos e recreativos.

Observei pelas ruas das grandes cidades, como Buenos Aires, os resultados dos quatro anos de mandato de um governo neoliberal que afundou ainda mais a economia em uma crise que o país tentava se recuperar desde o início dos anos 2000. A política neoliberal criou um fenômeno urbano de muitas pessoas desabrigadas, morando nas ruas e nas praças. Um evento de observação ocorreu na *Plaza del congreso* onde havia um número considerável de famílias inteiras vivendo em barracas de *camping*, demonstrando como o alto índice de inflação e a desvalorização do peso argentino haviam refletido na sociedade geral, em especial nos mais vulneráveis.

Além dos diálogos específicos para a pesquisa, há outros que cruzaram os itinerários, assim houve um interessante intercâmbio de ideias, principalmente com os amigos peronistas (mas não somente) que me hospedaram no interior de Buenos Aires, a respeito da conjuntura política da Argentina. Por meio dos encontros, mesmo que efêmero, com sujeitos de diferentes pertencimentos nacionais, sociais, culturais e políticos é possível a construção de um pensamento cosmopolita, porém localizado, que reflete na minha

---

<sup>5</sup> No mês de novembro de 2020, o governo assinou um decreto que legaliza a *cannabis* para uso medicinal, e no mês de dezembro, foi legalizado o aborto em uma votação histórica no senado argentino.



formação política e intelectual. Os eventos e as adversidades que enfrentei sozinha ou junto a outros sujeitos são elementos que acionaram as agências diante de situações diversas e adversas, serviram de grande aprendizado e fontes de autoconhecimento.

Esses aspectos por si só proporcionam um imenso aprendizado a partir das estratégias que utilizamos para deslocar e manter-se na estrada, o que inclui meios de transportes e formas de trabalho. Dessa forma, essa experiência etnográfica contribuiu para minha produção acadêmica por meio de fotografias, um diário de campo, conversas e contato com cinco interlocutoras, além de proporcionar um alargamento das visões de mundo e do contexto político, e despertar o interesse para pensar, em sentido histórico, o lugar que as viagens de mulheres negras ocupam na reflexão antropológica. São várias dimensões da viagem que contribuem para a formação de subjetividade de um corpo não hegemônico, que facilmente denuncia um pertencimento racial e de classe.

O que compartilho de formação subjetiva com as autoras aqui analisadas é a experiência da viagem como uma aquisição de capital cultural e a construção de uma autoestima pouco comum para mulheres que cresceram em contexto de desigualdade. Há também os distanciamentos, uma vez que nos diferenciamos em virtude do propósito e agendas que construíram as experiências vivenciadas em distintos tempos e espaços. Assim, seja por intermédio da militância, da etnografia ou do simples desejo de viajar, a construção da intelectualidade e da trajetória de vida/acadêmica são fortemente influenciadas pelas vivências nas estradas.

### **Considerações finais**

Neste artigo realizei uma análise sobre a relação das experiências de viagem de mulheres negras e a construção do conhecimento antropológico por meio do diálogo com Zora Hurston e Lélia Gonzalez. A intenção foi percorrer os itinerários de duas intelectuais e antropólogas negras, interpelando minha própria experiência como antropóloga e viajante contemporânea, para posicionar as mulheres como sujeitas históricas no universo das narrativas de viagem que são, hegemonicamente, masculinas e brancas.

Revelar esses itinerários e o que emerge dessas observações e vivências tem potencial para demonstrar as conexões que se formam nos lugares, nos contextos históricos e nas formas de deslocamento que constroem a subjetividades das intelectuais. As observações diretas em uma viagem partem de uma perspectiva pessoal de noção de mundo, o que chama a atenção são as questões que nos movem em nosso próprio lugar de origem, além de outras que se revelam durante o trajeto. Os eventos e situações que vivenciamos têm um valor pedagógico, pois fazem parte de um processo de aprendizado que reflete nas formas de representar o mundo e a si mesma.

As viagens de Lélia Gonzalez conferiram à autora um *status* cosmopolita, que direcionava seu interesse principalmente para os itinerários que proporcionavam um contato e observação sobre as particularidades da vida de negras e negros. Muitas das experiências eram movimentadas pela militância, o

que conferiu a ela participação em importantes espaços globais de discussões e reuniões, como conferências, seminários e cursos. Essas vivências não se restringiram ao nosso continente, vários países da Europa e os Estados Unidos fizeram parte desse itinerário intelectual.

As viagens das mulheres têm sido um fenômeno muito proveitoso para a antropologia, pois estas têm sido fonte de conhecimento teórico e etnográfico que tem movimentado as discussões antropológicas na contemporaneidade. A redescoberta das viagens históricas de Zora Hurston foi muito importante para a construção da minha autoestima como antropóloga e intelectual. Além disso, tem sido muito importante para o pensamento intelectual de várias outras antropólogas negras. Dialogar com as experiências etnográficas da autora me fez refletir sobre meu próprio lugar de pesquisadora negra viajante, além de ter acrescentado de forma significativa no processo pessoal de encorajamento.

É necessário ressaltar que Zora Hurston e Lélia Gonzalez foram vítimas de epistemicídio, assim como várias intelectuais negras que continuam submersas e invisibilizadas pelo pensamento antropológico hegemônico. Lélia Gonzalez foi uma mulher cosmopolita, com conexões intelectuais em diversos lugares do mundo, o que significa dizer que o pensamento dela influenciou e foi influenciado por meio de uma conexão com outras/os pensadoras/es de vários países. A imersão em campo de Hurston, no contexto e nas condições em que aconteceram, tem um imenso potencial para refletir sobre a viagem etnográfica, um contraponto às obras de antropólogos famosos dos quais conhecemos as etnografias sem conhecer os processos de viagem, pois consideram a viagem como um meio. E a viagem tem um fim em si. As trilhas de poeira na estrada dessas antropólogas confirmam isso.

### Referências bibliográficas

BASQUES, Messias. Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais. **Ayé**, nº1, v 1, 2019.

BASQUES, Messias. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. Ano 23, 30(2), p. 316-326, 2019.

CORRÊA, Mariza. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia. **Horizontes antropológicos**, v. 3, n. 7, 1997.

BEHAR, Ruth. Out of exil. BEHAR, Ruth; GORDON Deborah (Org). **Women Writing Culture**. A., eds. Berkeley: University of California Press, 1995.

CLIFFORD, James. Culturas viajantes. ARANTES, Antônio (org). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

UCPA, Mulheres. **Primavera para as rosas negras: Lélia González, em primeira pessoa**. São Paulo, UCPA, 2018.

GUPTA, Akhil e FERGUSON James. Discipline and Practice: "The Field" as Site, Method, and Location in Anthropology. GUPTA, Akhil; FERGUSON James (org). **Anthropological Locations**. Boundaries and Grounds of a Field Science, Berkeley: University of California Press. 1997.

HURSTON, Zora Neale. **Dust Tracks On a Road: An Autobiography**. New York: Harper Collins Publishers, 1995.

KUKLICK, Henrika (1997) *After Ishmael: The Fieldwork Tradition and Its Future*. GUPTA, Akhil; FERGUSON James (eds.). **Anthropological Locations. Boundaries and Grounds of a Field Science**, Berkeley: University of California Press. 1997.

LOURENÇO, Vanessa. **Antropóloga, Mulher e Negra: Sobre a trajetória de Zora Neale Hurston**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.

MARCUS, George E. *Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography*. **Annual Review of Anthropology**, n. 24, pp. 95-117, 1995.

PROJETO MEMÓRIA. Lélia Gonzalez. **Do Brasil para o mundo**. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.jsp>. Acesso em: agosto.2020.

PEIXOTO, Fernanda. **A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento**. São Paulo: FAPESP/ Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez: Retratos do Brasil Negro**. São Paulo Edições. Edição do Kindle, 2010.

SCHWADE, Elisete. *Gênero e ativismo político: mulheres no MST e em assentamentos rurais*. ASSIS, Gláucia; SIMÕES, Luzinete; FUNCK, Minella. (Org.). **Entrelugares e mobilidades: desafios feministas**. ed. Tubarão Copiart, 2014.

SOMBRIO, Mariana. *Em busca pelo campo – Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em meados do século XX*. **Cadernos pagu**, n. 48, 2016.

WOBETO, Débora. *Fieldwork Footage: Descobrindo Zora Neale Hurston*. **Iluminuras**, v. 21, n. 53, p. 568-576, agosto, 2020.